

Universidade Federal de Alfenas – Unifal - MG
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas – ICSA

Luana Sanches Barbosa

**“MATERNIDADE REAL NA QUARENTENA”: AÇÃO DE EXTENSÃO ANALISADA
A PARTIR DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO**

Varginha – MG

2022

Universidade Federal de Alfenas – Unifal - MG
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas – ICSA

Luana Sanches Barbosa

**“MATERNIDADE REAL NA QUARENTENA”: AÇÃO DE EXTENSÃO ANALISADA
A PARTIR DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO**

Trabalho de conclusão de Piepex apresentado ao Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Alfenas, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciência e Economia.

Orientadora: Dr.(a) Aline
Lourenço de Oliveira.

Varginha – MG

2022

RESUMO

A pandemia da Covid-19 acarretou diversas dificuldades para a população mundial. A interrupção das atividades produtivas acarretou num impacto direto na força de trabalho e as pessoas precisaram se adaptar ao trabalho home office, para assim, conseguir manter seus empregos. Como os cuidados com os filhos e as tarefas de casa são vistas, em sua maioria, como trabalho feminino, a sobrecarga ocasionou em um acúmulo de tarefas, principalmente para as mães trabalhadoras. O presente artigo se constitui numa análise de depoimentos de modo descritivo de mães que participaram da ação de extensão “Maternidade Real na Quarentena” que estão trabalhando em home office e cuidando dos seus filhos em casa no período de pandemia, o projeto teve o objetivo de promover um espaço para que as mães pudessem serem ouvidas sobre as situações que estavam vivenciando neste período de distanciamento social, uma vez que as categorias analíticas foram divisão sexual do trabalho, conciliação entre trabalho produtivo e trabalho reprodutivo. O trabalho, dedica-se a identificar como as mães estão sobrecarregadas e como a divisão sexual do trabalho entre gêneros ainda é um problema na sociedade, e ainda como a chegada da Covid-19 deixou mais claro e evidente que a responsabilidade com cuidados do lar e dos filhos ainda é das mulheres.

Palavras-chave: Mulheres. Maternidade. Pandemia. Mercado de Trabalho.

ABSTRACT

The Covid-19 pandemic has caused several difficulties for the world population. The interruption of productive activities had a direct impact on the workforce and people had to adapt to working from home, in order to keep their jobs. As child care and housework are mostly seen as female work, the overload caused an accumulation of tasks, especially for working mothers. This article is an analysis of testimonies in a descriptive way of mothers who participated in the extension action "Real Maternity in Quarantine" who are working at home office and taking care of their children at home during the pandemic period, the project had the objective of to promote a space for mothers to be heard about the situations they were experiencing in this period of social distancing, since the analytical categories were sexual division of work, conciliation between productive work and reproductive work. The work is dedicated to identifying how mothers are overloaded and how the sexual division of labor between genders is still a problem in society, and also how the arrival of Covid-19 made it clearer and more evident that the responsibility for home care and children still belongs to women's.

Keywords: Women. Maternity. Pandemic. Labor Market.

Introdução	5
Referencial Teórico	6
2.1 Divisão sexual do trabalho	6
2.2 Mulheres no mercado de trabalho	8
2.3 Discriminação no mercado de trabalho	10
2.4 A pandemia COVID-19, Home Office, trabalho doméstico e cuidado com os filhos	15
Procedimentos Metodológicos	17
3.1 “Maternidade Real na Quarentena”	17
3.2 Método de análise dos dados	19
Resultados	20
4.1 Divisão sexual do trabalho	20
4.2 Conciliação entre o trabalho reprodutivo e produtivo	21
Considerações Finais	23
Referências Bibliográficas	25

1. Introdução

A pandemia da Covid-19 trouxe muitas dificuldades para a população mundial, e com isso, a Organização Mundial de Saúde (OMS) sugeriu uma série de medidas para combater a propagação do vírus. Os países, estados e municípios criaram seus protocolos sanitários a partir das orientações da OMS. Uma das medidas mais radicais foi o fechamento de escolas, empresas, órgãos públicos para promover o distanciamento social que impediria a transmissão da doença. Deste modo, interromperam parcial ou totalmente suas atividades, e adotaram o trabalho em *home office*.

A interrupção de várias atividades produtivas teve impacto direto na força de trabalho, mas esses impactos não afetaram os trabalhadores de forma igualitária. As classes sociais já desfavorecidas, como jovens pretos(as), mulheres e pessoas pouco escolarizadas foram os mais afetados pela crise. Por esse motivo, os impactos tiveram proporções diferentes para os diferentes grupos ocupacionais. As pessoas mais desfavorecidas acabaram por ser “expulsas” do mercado de trabalho, e as que possuíam condições mais favoráveis precisaram se adaptar ao trabalho remoto, para assim, manter seus empregos (LEMOS, et.al 2021).

Segundo a Agência Brasil (2020), o trabalho remoto foi adotado por 46% das empresas brasileiras. Uma outra pesquisa realizada pelo C6 Bank e pelo Datafolha aponta que as classes que melhor se adaptaram foram A e B e ainda, aponta que a desigualdade na adoção do *home office* reflete as desigualdades de classe, gênero e cor da pele.

Portanto, esse novo cenário trouxe uma necessidade de adaptação para toda a sociedade: os trabalhos domésticos se intensificaram, haja vista que não havia disponibilidade do serviço antes contratado; os ambientes escolares passaram a ser virtuais; os encontros sociais foram vetados e passaram a ser realizados a distância. Todas essas mudanças fizeram com que fosse necessário a realização de estudos para analisar os efeitos do *home office*, no contexto da pandemia (LEMOS, et.al 2021).

Sabe-se ainda, que os cuidados com os filhos e as tarefas de casa são vistas, em sua maioria, como trabalho feminino. Sendo assim, este novo cenário ocasionou em um acúmulo de tarefas, principalmente para as mães trabalhadoras, que nesse momento, perderam sua principal rede de apoio - as escolas (MELO E MORANDI, 2021). Por isso, a resposta continuou a ser que a mulher assumisse seu posto no comando e gerenciamento da casa,

fazendo o necessário para a manutenção do nível de bem-estar social de seus membros (MELO E MORANDI 2021).

Dessa forma, a divisão sexual do trabalho com a pandemia da covid-19 ficou mais evidente com as mulheres sobrecarregadas pelo aumento do trabalho doméstico. Portanto, pode-se entender que as mulheres passaram a enfrentar mais um desafio, em meio a tantos outros: a imposição de sobrecarga de trabalho, onde lidar com a nova rotina profissional de trabalho remoto e familiar causou, em sua grande maioria, um esgotamento. Diante desse quadro, é importante enfatizar como as mulheres realizam na maioria das vezes o trabalho produtivo e reprodutivo sozinhas, e como a pandemia deixou isso mais evidente; e como isso tem sido desafiador, mostrando um problema que ainda está intrínseco na sociedade.

O objetivo deste estudo foi analisar e identificar a divisão sexual do trabalho, o trabalho produtivo e reprodutivo nos depoimentos das mães que participaram da ação de extensão “Maternidade Real na Quarentena”, que foi executado de agosto de 2020 a dezembro de 2020, na qual teve como principal objetivo promover um espaço para que as mães pudessem serem ouvidas sobre esse período de COVID-19.

O presente trabalho está estruturado em cinco seções: introdução, referencial teórico, procedimentos metodológicos, resultados, e finalmente, na última seção tem-se as considerações finais.

2. Referencial Teórico

Neste capítulo aborda-se toda pesquisa bibliográfica realizada para justificar e embasar a pesquisa, além de reafirmar afirmações que puderam ser constatadas no resultado deste estudo. Sendo assim, aqui será abordado a estrutura da divisão sexual do trabalho e como isso afeta as mulheres em geral, tanto no mercado de trabalho como também dentro do lar. Além disso, neste tópico, também será apresentado como está sendo para as mulheres nesse período de pandemia do Covid-19, momento este que impactou diretamente em seus trabalhos produtivos e reprodutivos.

2.1 Divisão sexual do trabalho

O termo "divisão de gênero do trabalho" é usado na França com dois significados de conteúdo diferentes. Por um lado, tem implicações sociológicas: estudar a distribuição diferencial de homens e mulheres no mercado de trabalho, indústrias e profissões, e como essa distribuição muda no tempo e no espaço; e analisar sua relação com a distribuição

desigual do trabalho doméstico entre os sexos. Por outro lado, têm-se que mostrar que, em termos de divisão do trabalho essas desigualdades são sistêmicas e ainda, expressar uma realidade na qual a sociedade usa dessa diferença para hierarquizar as atividades, criando assim um sistema de gêneros (HIRATA, 2007).

Ainda segundo Hirata (2007), a preocupação em entender a diferença entre os gêneros no mercado de trabalho se deu devido a um movimento opressor advindo da população feminina. Esta mesma percebeu que seu trabalho era invisível, sem remuneração e nunca voltado para ela mesma, mas sim para outros, sendo tudo isso uma representação da natureza, do amor e do dever materno.

Sabe-se, portanto, que foram antropólogas femininas que redefiniram a divisão sexual do trabalho, elucidando a relação de poder do homem sobre as mulheres (FERREIRA, 2012). Ainda, para Kergoat (2000), existem dois princípios que norteiam a divisão sexual do trabalho: o da separação e o da hierarquização. O primeiro deles consiste basicamente na separação do trabalho para homens e mulheres; já o segundo atribui prestígio ao trabalho masculino em detrimento do feminino, ou seja, o trabalho do homem é mais valioso do que o da mulher.

Com isso, vê-se que ao longo do século XIX, a mão de obra barata foi diretamente ligada ao trabalho feminino, tornando-se ao longo do tempo, natural. Isso facilitou a entrada de um discurso de segregação de força de trabalho puramente sexista. Por isso, por muito tempo, acreditou-se que o salário do homem deveria ser suficiente para sua sobrevivência e de sua família (SCOTT, 1991 apud FERREIRA, 2012).

Os salários dos homens incluíam custos de subsistência e de reprodução, enquanto os salários das mulheres necessitavam de suplementos familiares, mesmo para a sua subsistência individual. Além do mais, os salários dos homens deveriam proporcionar o suporte econômico que mantinha uma família e que possibilitasse que os filhos fossem alimentados e se tornassem adultos trabalhadores. Os homens eram, por outras palavras, responsáveis pela produção (SCOTT, 1991, p. 456).

Todo o discurso político-econômico sobre a divisão sexual do trabalho ajuda a afirmar a lógica da imposição, deslocando discursos contrários à ela, principalmente ao difundir ideias de domesticação e aceitação do papel das mulheres no trabalho como trabalhadoras secundárias, como seres incapazes de se engajar em atividades que lhes tragam prestígio, reconhecimento social e econômico. A divisão sexual do trabalho é uma das formas mais óbvias de exploração capitalista e de priorização do trabalho - quando atribuídas às condições

naturais de inferioridade da mulher - sabemos que essa "naturalização" é construída socialmente (FERREIRA, 2012).

A divisão sexual do trabalho conforme é mostrada historicamente, diz respeito à divisão do trabalho do sexo oposto, ou seja, divisão entre homens e mulheres. Sabe-se que o patriarcado é um sistema presente na nossa sociedade, ele é a dominação do homem sobre as famílias e principalmente sobre as mulheres. Dessa forma, no sistema patriarcal, os homens ocupavam espaços nas esferas políticas, econômicas, sociais e morais, e as mulheres ocupavam as atividades reprodutivas, ou seja, cuidando sempre do lar e dos filhos. Com isso, o período marcado pelo patriarcado contribuiu diretamente para a criação de uma imagem equivocada acerca das mulheres, descrevendo-as como um sexo frágil, com necessidade de cuidados, direção e proteção.

O patriarcado, segundo CUNHA (2004, apud SANTOS et.al, 2018), consiste, de forma resumida, em um regime de subordinação, no qual o homem é o agente central da família, sendo ele o patriarca, o mantenedor e provedor, representando assim, a autoridade máxima do lar, devendo-lhes os filhos e a esposa a obediência plena.

Ainda, segundo SAFFIOTI (2004), este regime é sustentado por uma visão em que as mulheres são vistas apenas para satisfação sexual e objeto de prazer, mas além disso, e não menos importante, existe ainda a concepção da mesma como progenitoras e reprodutoras, não somente do trabalho doméstico como da geração de herdeiros.

É importante ressaltar que, embora existam avanços feministas acerca de seus direitos, o patriarcado ainda é um sistema presente, assumindo apenas novos aspectos, haja vista que sua base material não foi destruída (SAFFIOTI, 2004).

Se na Roma antiga o patriarca tinha direito de vida e morte sobre a mulher, hoje o homicídio é crime capitulado no Código Penal, mas os assassinos gozam de ampla impunidade. Acrescente-se o tradicional menor acesso das mulheres à educação adequada à obtenção de um posto de trabalho prestigioso e bem remunerado (SAFFIOTI, 2004, p. 106).

Nota-se, portanto, que é imprescindível compreender o conceito do patriarcado para a partir disso, moldar o pensamento sobre o gênero. Ao observar atentamente a sociedade capitalista é possível notar traços desse período, nas quais as mulheres ainda experimentam desigualdades perante a sociedade (SANTOS et al, 2018).

2.2 Mulheres no mercado de trabalho

Estudar a entrada das mulheres no mercado de trabalho envolve fatores sociais, econômicos e demográficos, por isso, estudos acerca desse movimento se fazem presentes até os dias atuais, por ainda se tratar de um movimento recente. A partir dos anos de 1960 e 1970, movimentos políticos e sociais mudaram os padrões culturais estimulando as mulheres a buscarem por estudo e serem mais participativas no mercado de trabalho (PEREIRA et.al, 2005).

“No período da industrialização, as mulheres se inseriram no mercado de trabalho, sendo delas grande parte das funções e lugares não qualificados. A divisão do trabalho estabeleceu-se assim com a justificativa de que as mulheres não detinham o conhecimento técnico para supervisionar os serviços. São essas posições fragmentadas do saber fazer e do ter o conhecimento técnico para determinado ofício, e, conseqüentemente, a valorização e remuneração dos respectivos trabalhos, que fazem com que as mulheres se organizem na tentativa de estabelecer relações igualitárias de gênero no mundo do trabalho. A presença das mulheres no mercado de trabalho representou uma mudança significativa na história. O trabalho, fora de casa, constituiu um importante mediador para que as mulheres exercessem atividades além dos muros de suas residências, ocupando posições sociais e determinadas atividades profissionais até então permitidas e validadas única e exclusivamente para homens” (TEIXEIRA, 2009, p. 238).

No entanto, ainda que essas mudanças culturais tenham sido um dos pilares para tal fenômeno, outros estudos apontam o aumento no nível de escolaridade das mulheres brasileiras como um fator propulsor, que por sua vez desencadeou uma queda na taxa de fecundidade. Desse modo, tem-se mulheres mais bem instruídas a ter menos filhos, deixando-as livres para ocupar o mercado de trabalho (BRUSCHINI ; LOMBARDI, 1996 apud PEREIRA et.al, 2005).

É inegável que as mulheres estão há muito tempo excluídas do mercado de trabalho e, embora tenham conquistado o campo de forma mais significativa nas últimas décadas, a forma como o sistema capitalista absorve esse trabalho é desigual (CASTRO et.al, 2018).

É evidente que a ampliação do trabalho feminino no mundo produtivo das últimas décadas é parte do processo de emancipação parcial das mulheres, tanto em relação à sociedade de classes quanto às inúmeras formas de opressão masculina, que se fundamentam na tradicional divisão social e sexual do trabalho. Mas – e isso tem sido central – o capital incorpora o trabalho feminino de modo desigual e diferenciado em sua divisão social e sexual do trabalho (ANTUNES, 2009, p. 109).

As mulheres, atualmente, mostram para a população como a sua luta foi importante para conquistar o direito de se pronunciar e se posicionar. Mas mesmo lutando contra a desigualdade há muitos anos, ainda existem grandes diferenças entre homens e mulheres no mercado de trabalho. Segundo Pelegrino (2006), as mulheres tiveram um avanço muito grande na sociedade, mas ainda tem um caminho muito longo para percorrer.

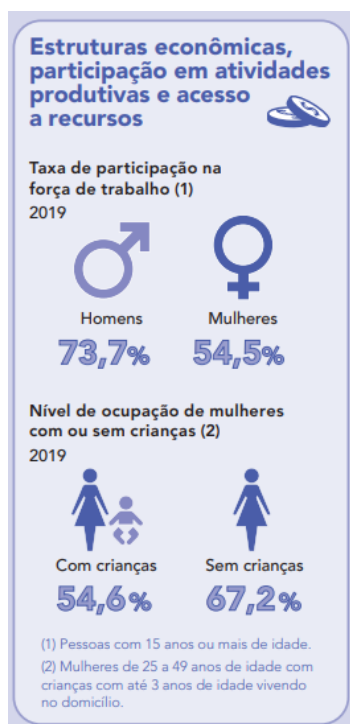
Sabe-se que no Brasil as mulheres ainda sofrem preconceito em diversos aspectos, e um deles é no mercado de trabalho, uma vez que é vista socialmente como mãe, esposa e dona do lar, enquanto o homem é visto como trabalhador, profissional, aquele que trabalha fora de casa. Existe portanto uma perspectiva que as mulheres possuem de uma força de trabalho secundária.

2.3 Discriminação no mercado de trabalho

Em uma sociedade fomentada por pessoas diferentes, a prática da discriminação é mais comum do que pode se pensar. Essa discriminação pode ocorrer devido a orientação sexual, cor da pele, religião, sexo, origem ou qualquer outra razão que torne um indivíduo “diferente” perante os outros. O fato é que, a discriminação é constantemente disseminada na sociedade, fazendo-a ser mais palpável em alguns âmbitos, sendo um deles o mercado de trabalho.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2021) 54,5% das mulheres estão no mercado de trabalho e 45,5% não têm acesso ao mercado de trabalho, já os homens ocupam 73,7% da força de trabalho. E mulheres de 25 a 49 anos de idade, onde 54,6% delas possuem crianças de até 3 anos de idade vivendo no domicílio, como pode ser visto na figura abaixo.

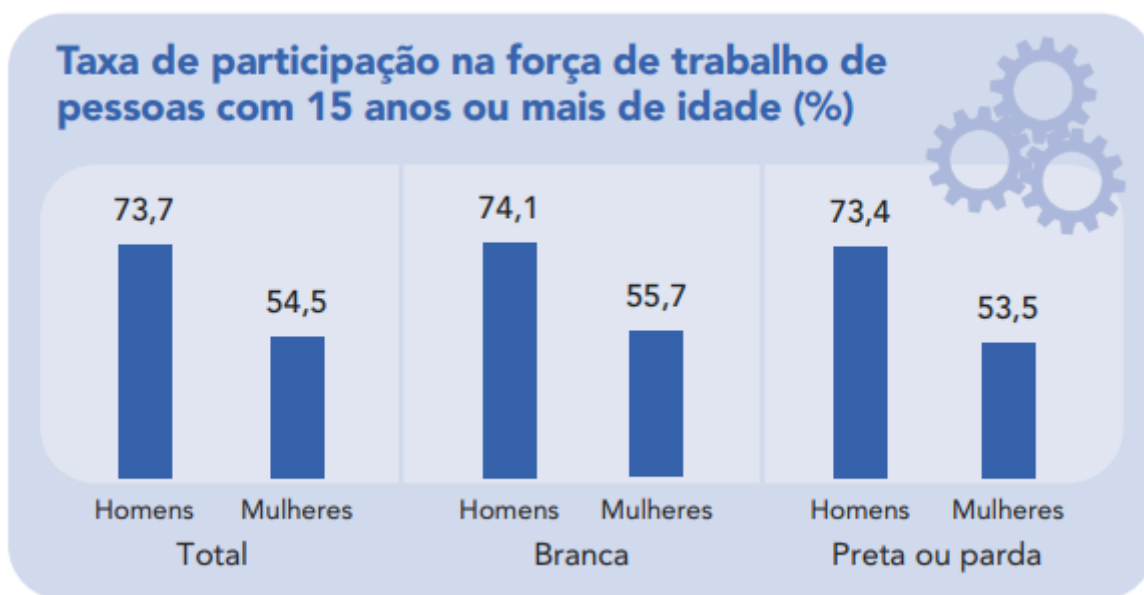
Figura 1 - Estruturas Econômicas, participação em atividades produtivas e acesso a recursos.



Fonte: IBGE, 2021.

A taxa de desigualdade entre homens e mulheres alcançou a margem de 19,2% em 2019, se mostrando presente tanto entre homens e mulheres brancas, quanto em homens e mulheres negras ou pardas (IBGE, 2021).

Figura 2 - Taxa de participação na força de trabalho de pessoas com 15 anos ou mais de idade (%)

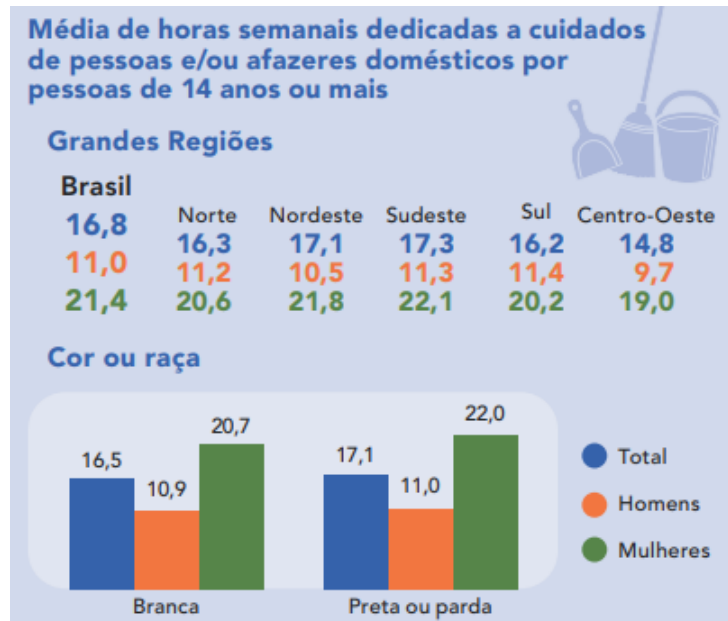


Fonte: IBGE, 2021.

Percebe-se portanto, que independente da raça, a diferença de ocupação do mercado de trabalho entre homens e mulheres é notória. No entanto, ao realizar um recorte por raça é possível perceber, conforme a Figura 3, que mulheres pretas ou pardas estão mais envolvidas com os trabalhos domésticos, registrando em média 22,0 horas semanais contra 20,7 para mulheres brancas.

Ainda, nota-se que as mulheres gastam quase o dobro do tempo com tarefas domésticas se comparada aos homens, sendo essa desigualdade maior na região Nordeste (IBGE, 2021). Segundo Abramo (2006), as mulheres se encontram numa situação desagradável em dois determinados serviços: a) serviço doméstico e sem remuneração, chamado trabalho reprodutivo; e, b) o trabalho produtivo, com remuneração inferior à dos homens.

Figura 3 - Média de horas semanais dedicadas a cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos por pessoas de 14 anos ou mais por região e raça



Fonte: IBGE, 2021.

Como já foi mencionado, o maior envolvimento das mulheres nos afazeres domésticos impactam diretamente em sua inserção no mercado de trabalho, que é marcada em sua maioria por jornadas duplas, surgindo a necessidade de conciliação entre o trabalho não-remunerado e o remunerado. Novamente, as mulheres pardas ou pretas são as que mais exercem o trabalho parcial, representando 37,7% do total, segundo dados do IBGE (2021). Em suma, há diferenças acentuadas quando a população é segmentada por raça ou cor, mostrando uma maior vulnerabilidade para as mulheres pretas ou pardas.

Observando o cenário o fato de que a mulher tem que ficar em casa, cuidando dos filhos, do marido e do lar e não trabalhando no mercado de trabalho, quando saem de suas casas para trabalharem sofrem com a diferença salarial. Essa concepção que também pode ser vista como cultural, uma vez que o mercado de trabalho sempre foi visto com o domínio do homem e as mulheres cuidarem do lar e dos filhos, também possui uma vertente estrutural na qual a exploração do trabalho não remunerado das mulheres sustenta o sistema capitalista para que os homens fiquem saudáveis e disponíveis para o trabalho.

Em muitas famílias os homens e as mulheres possuem trabalhos fora do lar, segundo Gilles (2000) mulheres casadas com filhos são as que mais estão inseridas no mercado de trabalho. Porém, uma vez que estas mulheres estão inseridas na esfera pública, alguém precisa continuar realizando o trabalho doméstico e deste modo estas mulheres assumem duplas ou triplas jornadas de trabalho, ficando sobrecarregadas fisicamente e mentalmente. Ou ainda,

quando contratam o trabalho doméstico de outras mulheres, no qual é necessário que exista organização e monitoramento de sua execução.

Segundo Probst (2003), as mulheres trabalham tanto no seu serviço profissionalmente quanto dentro de sua própria casa, pois mesmo alguns homens executando alguns afazeres domésticos, não se compara com a dedicação e a energia das mulheres envolvidas nessas atividades. No entanto, a necessidade dessa dupla jornada de trabalho pode ser exaustiva e gerar insatisfação para as próprias mulheres, haja vista que elas se sentem sobrecarregadas e ao mesmo tempo frustradas por não conseguirem se dedicar integralmente à sua família. Mas ainda, segundo DEDECCA (2008), a jornada de trabalho intensa tende a se elevar por conta dos pequenos ganhos reais de renda.

“O estado conjugal e a presença de filhos, associados à idade e à escolaridade da trabalhadora, as características do grupo familiar, como o ciclo de vida familiar em formação, com filhos pequenos, famílias maduras, filhos adolescentes, famílias mais velhas, e a estrutura familiar - família conjugal, chefiada por mulher, ampliada, presença de outros parentes - são fatores que estão sempre presentes na decisão das mulheres de ingressar ou permanecer no mercado de trabalho, embora a necessidade econômica e a existência de emprego tenham papel fundamental” (Bruschini, 1998:4).

As mulheres movem o capitalismo com a sua função de doméstica não assalariada, isto significa que o trabalho doméstico está longe de ser somente cuidar da casa, uma vez que as mulheres satisfazem as necessidades básicas de seu marido, tanto física, emocional e sexualmente, não só isso, mas também cuidar dos filhos já que eles são os trabalhadores do futuro.

“Assim fez o capital criando a dona de casa para servir física, emocional e sexualmente o trabalhador do sexo masculino, para criar seus filhos, remendar suas meias, cuidar do seu ego quando ele estiver destruído por causa do trabalho e das (solitárias) relações sociais que o capital lhe reservou. É precisamente essa combinação particular de serviços físicos, emocionais e sexuais que está envolvida no papel que as mulheres devem desempenhar para que o capital possa criar a personagem específica da criada que é a dona de casa, tornando seu trabalho tão pesado, e ao mesmo tempo, tão invisível” (Federici, 2019).

As mulheres são fundamentais na reprodução da força de trabalho. Podendo afirmar que, em razão disso, o trabalho doméstico não assalariado é o que move o funcionamento do capitalismo, uma vez que as mulheres trabalhando em uma fábrica, trabalhando como empregada doméstica ou apenas cuidando do seu próprio lar, ela é uma reprodutora da força de trabalho.

“A “trabalhadora doméstica” como o sujeito social crucial na premissa de que a exploração do seu trabalho não remunerado e as relações desiguais de poder construídas sobre a sua condição, de não remuneração foram os pilares para a organização capitalista de produção” (Federici, 2019).

Mesmo as mulheres conquistando seu lugar no mercado de trabalho, ainda existe uma bagagem que ela carrega sobre o trabalho reprodutivo, uma vez que o mesmo estando ligado diretamente no trabalho doméstico não assalariado.

Com a chegada do século XXI as mulheres vieram conquistando sua independência financeira e com isso aumentou a demanda pela divisão do trabalho doméstico entre os homens e as mulheres. As tarefas do lar e o cuidado com os filhos os homens passaram a ajudar nos afazeres domésticos, porém sabe-se que a responsabilidade recai sobre as mulheres.

Apesar de todas essas mudanças, a mulher ainda é a principal responsável pelas atividades domésticas e pelos cuidados com os filhos, enquanto o homem permanece sendo considerado um ajudante, visto que não assume as responsabilidades e tarefas no lar como a mulher o faz (BORSA & NUNES, 2011).

Quando se fala em trabalho doméstico, por mais que seja notória sua evolução no mundo, infelizmente ele ainda é visto por uma parcela da sociedade como o tipo de trabalho a ser realizado somente por mulheres. Sabe-se, ainda, que o cuidado com o filho é muito importante, pois o mesmo tem um papel fundamental na parte social e econômica de uma sociedade. Por isso, as mulheres ainda assumem o papel que ensina, cuida e educa os filhos, deixando-os assim, preparados para o mercado de trabalho - os trabalhadores do futuro.

“Ter filhos impacta de maneira desigual o exercício do trabalho formal por mulheres e homens porque o trabalho doméstico, o cuidado com os filhos e o trabalho emocional também são divididos de maneira desigual entre eles, mesmo quando tanto o pai quanto a mãe trabalham em período integral.” (LIMA, 2018).

Segundo Hirata (2007), toda vez que tentam fazer um balanço na parte de divisão sexual do trabalho na sociedade, existe um paradoxo, sendo ele dito assim: nessa matéria, tudo muda, mas nada muda, ou seja, a consciência por si só não adianta mudar, pois, mesmo os homens assumindo funções nas tarefas de casa, são as mulheres quem precisa planejar, delegar e verificar se foi executado plenamente.

As mulheres sempre tiveram que conciliar trabalho remunerado, filhos, marido e serviços de casa, porém aceitar essa conciliação de trabalho assalariado com trabalho doméstico é aceitar e colocar as mulheres numa situação de vulnerabilidade uma vez que além de trabalhar, ela usa todo seu salário em interesses da família. Mulher, sinônimo de dupla, tripla jornada, o cansaço e falta de tempo com os filhos fazem com que se sintam culpadas por não darem a atenção necessária para os mesmos.

“A busca da mulher pelo sucesso profissional, independência financeira e satisfações provenientes da carreira profissional fazem-na repensar a situação de maternidade em

função da sobrecarga que o acúmulo de funções pode gerar em suas vidas (BRUSCHINI, 2007; LOSADA & ROCHA-COUTINHO, 2007; SCAVONNE, 2001).”

Com as mulheres tendo uma longa jornada de trabalho, a mesma não consegue acompanhar o crescimento e desenvolvimento dos seus filhos, ou seja, raramente as mães conseguem acompanhar e se dedicar por inteiro no desenvolvimento dos mesmos.

2.4 A pandemia COVID-19, Home Office, trabalho doméstico e cuidado com os filhos

No ano de 2020 a OMS declarou um surto de um novo vírus no mundo, que depois ficou conhecido como a pandemia da COVID-19. Uma das medidas de contenção a propagação do vírus foi o distanciamento social, com isso o sistema de *home office* foi utilizado por várias empresas, escolas, faculdades. As interações entre as pessoas passaram a ser realizadas mediadas por tecnologias, trazendo desafios para todos que tiveram que se adaptar a este momento.

A pandemia da COVID-19 quebrou essa linha ilusória e mostrou a realidade que as mães exercem o trabalho produtivo e reprodutivo na maioria das vezes sozinhas. A pandemia apenas mostrou os desafios que são impostos na maioria das vezes para as mulheres realizarem já que elas fazem duplas ou até mesmo triplas jornadas de trabalho. O trabalho remoto e o acúmulo de serviço doméstico se intensificaram na pandemia e infelizmente afetaram diretamente o trabalho da mulher, já que elas passaram a fazer tudo ao mesmo tempo, o cuidar da casa, o trabalho remoto e também o cuidado com os filhos, que também passaram a estudar em casa, assistindo as aulas de modo *online*.

Sabe-se, no entanto, que a rede de apoio ela pode ser composta pela família, escolas, creches e até mesmo serviços de babá, essas redes são de extrema importância na vida de uma mãe, já que nem sempre o pai é presente e colabora com o cuidado dos filhos, e quando mencionamos as mães solas, sabe-se que concentram sobre si todas as obrigações para com seus filhos. Com a pandemia, as redes de apoio que ajudam as mães com os cuidados com os filhos fecharam e com o distanciamento social famílias ficaram isoladas para não propagar o vírus, com isso, as tarefas de cuidados recaíram principalmente sobre as mulheres.

De acordo com os dados colhidos e apresentados por BIANCONI et al., 41% das mulheres que continuaram trabalhando durante a pandemia de forma remota afirmaram trabalhar mais na quarentena, em suma a autora fala que isso acontece porque as tarefas de casa ainda não são distribuídas igualmente no âmbito doméstico. Segundo BIANCONI et al.,

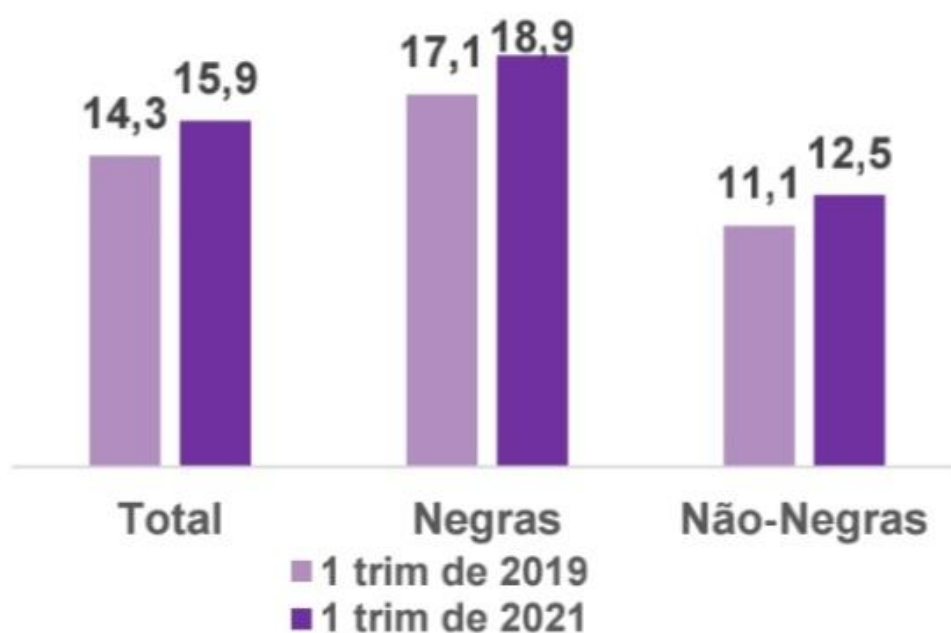
“são muitas as tarefas que compõem o trabalho doméstico e a pesquisa realizada pela autora mostra que preparar ou servir alimentos, lavar louça e limpar domicílio estão entre as tarefas que mais se intensificam no período da pandemia. A responsabilidade pelo cuidado intensifica o ritmo do trabalho doméstico.”

Segundo Hirata e Kergoat (2007), existem dois princípios organizadores da divisão sexual do trabalho:

Essa forma particular da divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio de separação (existem trabalhos de homens e mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher). Esses princípios são válidos para todas as sociedades conhecidas, no tempo e no espaço. Podem ser aplicadas mediante um processo específico de legitimação, a ideologia naturalista. Esta rebaixa o gênero ao sexo biológico, reduz as práticas sociais a “papéis sociais” sexuados que remetem ao destino natural da espécie. (HIRATA E KERGOAT, 2007.)

Com a pandemia da COVID-19 mulheres brancas com escolaridade e homens passaram por um novo desafio, que foi conciliar serviço com atenção aos filhos no ambiente doméstico. Já as mulheres mães pretas sem escolaridade continuaram trabalhando e que em alguns casos perderam seus empregos, uma vez que a crise da covid-19 prejudicou mais diretamente as mulheres, dado que com a pandemia, as creches e escolas foram fechadas, recaindo a responsabilidade total dos filhos sobre essas mulheres.

Gráfico 01 - Taxa de desemprego de mulheres por raça/cor. Brasil - 3º trimestre 2019 e 2021 em %.



Fonte: IBGE, 2021.

A proporção de mulheres negras desempregadas no Brasil tanto antes da pandemia quanto depois é extremamente visível das não negras, já que elas sempre encontram muita dificuldade de inserção no mercado de trabalho.

Porém como foi dito acima as mulheres na maioria das vezes sente culpa por não ter seu tempo totalmente voltado para seus filhos, visto que trabalhar fora de casa, cuidar do lar e ainda dar atenção aos filhos é muito difícil e cansativo, onde acaba criando nas mulheres uma insatisfação e frustração.

As mulheres trabalhadoras que não tem flexibilização em seus empregos, apresentam por vezes sensações e respostas de culpa por não serem mães adequadas em suas percepções interferido na sua vida profissional negativamente. (ROSSINI, 2021).

Para as mães que tiveram que aderir o trabalho em *home office*, mesmo sendo desafiador, o fato de estarem trabalhando remotamente em casa, fez com que elas tenham mais contato com os filhos participando de suas rotinas diariamente, uma vez que elas podem ver o desempenho e crescimento das suas crianças.

3. Procedimentos Metodológicos

Nessa seção, são apresentados quais foram os métodos aplicados nesta pesquisa. A mesma foi baseada no projeto Maternidade Real na Quarentena, elencando todos os passos realizados para a análise da pesquisa.

3.1 “Maternidade Real na Quarentena”

Neste trabalho objetiva-se analisar os depoimentos das mulheres, mães, que participaram da ação de extensão “Maternidade Real na Quarentena”. Esta ação de extensão foi executada de agosto a dezembro de 2020 e teve como principal objetivo promover um espaço no qual mães pudessem ser ouvidas sobre as situações que estavam vivenciando com os filhos no período de distanciamento social em decorrência da COVID-19.

A ação contou com a coordenação das professoras Aline Lourenço de Oliveira e Ana Márcia de Lima Rodrigues, docentes do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), campus Varginha, além de dez estudantes de graduação, que participaram como voluntários.

O principal método foi o depoimento obtido por meio da história oral das mães. As entrevistas foram realizadas por videoconferência, de modo que as mães pudessem relatar

suas vivências estimuladas por meio de algumas perguntas direcionadoras. Dessa forma, as mesmas puderam narrar um pouco de sua rotina em meio a pandemia, elucidando suas realidade e as dificuldades encontradas perante a nova situação.

As entrevistas seguiu um roteiro começando com a apresentação do aluno participante do projeto e a abordagem do tema para a entrevistada, em seguida fazem as perguntas sobre seu nome, idade, cidade que reside, qual sua profissão, quantos filhos a mãe tem, a idade deles, como está sendo o distanciamento social, as aulas remotas, se o pai é presente e participa do cuidado com os filhos e o do lar, e algumas experiências que marcaram durante esse período.

Os estudantes transcreveram os depoimentos e produziram *cards* para publicação nas redes sociais, os mesmos podem ser encontrados no: Instagraman @maternidade.real.na.quarentena como também no Facebook Mães que formam.

A execução do projeto seguiu as seguintes etapas: a) capacitação dos estudantes sobre método de história oral; b) construção de um roteiro de apoio às interações; c) planejamento dos perfis de mães a serem convidadas a darem o seu depoimento ao projeto; d) coleta dos depoimentos; e) elaboração de cards de texto ou vídeo para publicação nas redes sociais; f) postagem dos conteúdos produzidos nas redes sociais; g) divulgação e gestão das redes sociais.

O projeto abordou um tema muito importante no período de pandemia onde mostra os desafios que as mulheres e filhos enfrentaram durante o distanciamento social, fechamento das escolas e aulas remotas. Dessa forma o projeto deu visibilidade aos relatos de diferentes mães e ajudou a abordar a “maternidade real”, com suas dificuldades e desafios, opondo-se a maternidade romantizada, na qual impera uma idealização de amor, doação e felicidade.

O projeto atendeu quinze mães que residem na região de Minas Gerais, onde foi relatado sobre o dia a dia com seus filhos, trabalho *home office*, cuidado com o lar e marido. As mães entrevistadas trabalham nas áreas como professoras, técnicas de suporte e técnicas de enfermagem, todas elas com pelo menos de 01 a 03 filhos. A princípio, quatorze mães se apresentaram e somente uma não se identificou, logo depois elas apresentam seus filhos, nome e idade e contam sobre sua rotina do dia a dia.

Além das 15 entrevistas com as mães postado nas redes sociais, foram também publicadas “dicas do dia” para as mães, como atividades que estimulam habilidade das

crianças, dicas sobre alimentação saudável, alergia alimentar e aleitamento materno em época de covid, conteúdo informativo sobre o câncer de mama, assuntos voltados a comemoração do dia das crianças, dia da consciência negra, dia dos professores e sobre o luto materno.

3.2 Método de análise dos dados

O depoimento das mães foi analisado de modo descritivo, organizando as narrativas conforme as categorias analíticas que são: a divisão sexual do trabalho, a conciliação entre o trabalho produtivo e o trabalho reprodutivo.

O objetivo deste trabalho foi analisar as pesquisas feitas pelos alunos do projeto Maternidade Real na Quarentena, para que, dessa forma, fosse possível mostrar a rotina dessas mães que estão ao mesmo tempo, trabalhando em *home office*, cuidando dos filhos e dos afazeres do lar.

Logo, em seguida são apresentados os resultados das entrevistas das mães falando sobre esses pontos mencionados acima.

Mães	Idade mães	Profissão	Filhos	Idade filhos
Mãe 01	37 anos	Professora	01	2 anos
Mãe 02	Não identificou	Professora	01	Não identificou
Mãe 03	33 anos	Técnica de suporte	01	2 anos
Mãe 04	38 anos	Professora	02	9 e 4 anos
Mãe 05	39 anos	Coordenadora	01	3 anos
Mãe 06	35 anos	Técnica de Enfermagem	01	10 meses e 17 anos
Mãe 07	37 anos	Técnica de Enfermagem	01	10 anos
Mãe 08	Não identificou	Professora	Não identificou	Não identificou
Mãe 09	32 anos	Técnica de Suporte	01	3 anos
Mãe 10	36 anos	Técnica de Enfermagem	03	15, 10 e 4 anos

Mãe 11	43 anos	Não identificou	02	Não identificou
Mãe 12	45 anos	Professora	01	13 anos
Mãe 13	Não identificou	Enfermeira	02	3 e 5 anos
Mãe 14	44 anos	Professora	02	3 e 12 anos
Mãe 15	30 anos	Técnica de Enfermagem	02	2 meses e 2 anos

Fonte: dados da pesquisa, 2022.

4. Resultados

Esta seção será subdividida em duas subseções no qual serão elencadas os temas mais incidentes durante a pesquisa, mostrando passagens das entrevistas realizadas com as mães. Através de seus relatos foi possível realizar uma conexão entre diversos estudos realizados anteriormente. Sendo assim, aqui será possível identificar temas como divisão sexual do trabalho, e a dificuldade das mulheres em exercer o trabalho produtivo e reprodutivo.

4.1 Divisão sexual do trabalho

Em decorrência da pandemia, o trabalho com os cuidados familiares sobrecarregou principalmente as mulheres, que mesmo com a ajuda dos homens, realizavam a maior parte do serviço domiciliar sozinhas, como cuidar da casa, dos filhos sem nenhum apoio de seus maridos, como pode ser observado no relato da mãe 04.

Eu tenho as coisas da casa pra fazer, os dois pequeno pra cuidar, roupa, comida, tudo é eu... então ele não me ajuda, ele é incapaz de ficar meia hora com os próprios filhos pra mim poder descansar, pra mim poder fazer uma caminhada, ele não tem essa mentalidade, ele não tem essa ajuda comigo. É tudo eu. Eu me sinto uma viúva de marido vivo, eu falo isso na cara dele, eu sou uma viúva de marido vivo, é como se eu tivesse recebendo a pensão dele e ele tivesse morto, porque ele não participa de nada, ele não ajuda em nada... assim, ele só "dá" carinho. Carinho ele tem, muito carinho com os filhos. (Mãe 04)

Segundo Hirata e Kergoat (2007), a abordagem, em termos de dependência, se apresenta de diversas formas. No “modelo tradicional” o papel na família e o papel doméstico é assumido inteiramente pelas mulheres, enquanto o papel de “provedor” é atribuído aos homens. Mesmo sabendo, que em algumas situações há a colaboração do marido, sabe-se ainda, que infelizmente a responsabilidade maior ainda é das mulheres. Isso pode ser observado no relato abaixo:

Ele participa, ele colabora, assim ativamente, dá banho, troca, sai com ela quando eu preciso de alguma reunião e tal. Mas, ainda sim eu acho que a carga mental, sempre fica mais com a mulher com a mãe. Porque é a mãe que acorda e vai dormir pensando nas refeições, no pediatra, se a fralda tá acabando, se a pomada tá acabando, se a roupa tá pequena. (Mãe 05).

A dificuldade na conciliação do trabalho *home office* e no cuidado com os filhos, deixou as mulheres muito aflitas no período de pandemia, já que essas mães tiveram que conciliar ao mesmo tempo trabalho no âmbito produtivo e também no reprodutivo. Isso acontece pois na maioria das vezes seus parceiros não colaboram com o serviço do lar e nem com o cuidado com os filhos. Segundo Abreu, Marques e Diniz (2020), as mulheres, durante a pandemia, não usufruíram do tempo livre e lazer, pelo contrário, ficaram extremamente sobrecarregadas com várias tarefas realizadas em casa, incluindo atribuições do cuidado.

Devido à pandemia, bateu certo desespero, pois fiquei extremamente estressada por não saber como seria a conciliação das funções de mãe, professora e como ficaria o processo de ensino/aprendizagem do meu filho que é TEA durante o ensino remoto que foi proposto pelo colégio dele. Diante disso, fiquei sem norte por não saber como iria conciliar essas múltiplas funções. (Mãe 08)

Diante deste quadro, a diferença que existe na divisão sexual do trabalho é extremamente visível, uma vez que a própria sociedade reproduz essa desigualdade. O centro da problemática associada a tais expressões está na forma como a sociedade, por elementos culturais e econômicos, gera desigualdades tomando por ponto de partida aquilo que só se pode nominar de diferença (Abreu, Marques e Diniz 2020).

Logo, pode-se observar que infelizmente a divisão sexual do trabalho ainda é um problema, pois mesmo os pais participando em casa e ajudando a cuidar dos seus filhos, a tarefa de pensar na alimentação, nos cuidados com a higiene e saúde, ainda é realizada, em sua maioria, pelas mães.

Percebe-se portanto, que a pandemia deixou ainda mais evidente essa discrepância sexual no trabalho. Têm-se então mulheres lidando com seus afazeres domésticos, maternais e profissionais simultaneamente, sem contar com redes de apoio - creches e escolas, e infelizmente com pouca participação de seus parceiros no cuidado do lar e com os filhos.

4.2 Conciliação entre o trabalho reprodutivo e produtivo

As mulheres sentem o serviço doméstico de uma outra maneira: de um jeito mais intenso e pesado, e com esse novo cenário de pandemia, isso intensificou mais ainda. Isso é um dos reflexos do trabalho *home office*, haja vista que o mesmo precisa acontecer

conjuntamente com o cuidado do lar e com os filhos. Tal “modelo” gera, portanto, uma sobrecarga, seja do trabalho produtivo ou do reprodutivo, já que não há mais limites entre início e término da jornada de trabalho.

“Nesse cenário pandêmico, de isolamento social e home office, dois aspectos dessa dicotomia recaíram principalmente sobre as mulheres, intermediadas pelo trabalho. Os trabalhos reprodutivos e produtivos, ora realizados entre o lar e a empresa, passaram a ser, para muitas mulheres, realizados apenas em casa, sem horário de início ou de término. (COSTA, 2020, p.12).”

Conforme exposto, é preciso se atentar às formas de exploração ao qual as mulheres estão submetidas e de que forma acontece sua apropriação do trabalho. Em um dos relatos, é possível perceber a dificuldade que as mesmas encontram em gerir seu tempo de trabalho de forma adequada, reafirmando o que foi dito anteriormente.

Sou coordenadora de cursos e estou trabalhando remotamente desde março, tenho que fazer minimamente ali as oito horas diárias de trabalho, obviamente que em casa a gente acaba ficando muito confuso esses horários, por que a gente não tem nem começo nem fim, como a gente tá com o trabalho em casa mistura muito o cuidado da casa, da criança e do trabalho. (Mãe 05)

O aprendizado dos filhos no ensino remoto mostrou o quanto as crianças são capazes de se adaptar tão bem. Com as aulas presenciais suspensas, o ensino remoto se mostrou como única alternativa para que as atividades não ficassem totalmente suspensas e, apesar da dificuldade na maioria das vezes, algumas mães puderam auxiliar nas atividades escolares junto com a tecnologia digital. Segundo Cordeiro (2020), as famílias estão acompanhando seus filhos no período de pandemia e compreendendo a importância do seu papel na educação dessas crianças que apesar das dificuldades, não se deixam desanimar.

Em pouco tempo, minha filha estava familiarizada com as aulas online e a nova rotina escolar. Como uma criança matriculada no primeiro ano do ensino fundamental, ela aprendeu a ter autonomia durante a aula, a ler, a escrever, a produzir seu próprio texto, fazer continhas, entre outros inúmeros conteúdos importantes. Eu mesma não acreditava no potencial das aulas online diárias para crianças dessa idade. Porém, por aqui, o ensino remoto, apesar de não ter sido fácil, foi um sucesso! Ainda em distanciamento social, o balanço que faço de tudo isso é que aprendemos bastante. (Mãe 02)

Porém para algumas mães não está sendo fácil conciliar trabalho *home office* com estudo remoto dos seus filhos. Segundo Cordeiro (2020), algumas famílias estão tendo dificuldades e não estão conseguindo acompanhar seus filhos, já que muitas delas estão também trabalhando de *home office*. Logo, é possível enxergar em um relato de uma mãe a dificuldade em auxiliar seu filho no ensino remoto.

Foi criado um grupo no WhatsApp e periodicamente recebemos atividades, mas eu não consigo acompanhar, pois teria que realizar após meu trabalho e neste

momento é hora do banho, hora da janta, ficando tarde, então hora do descanso (Mãe 09).

Por outro lado, quando foi perguntado como tem sido a convivência com os filhos nesse período foi possível perceber a importância na aproximação intergeracional que a pandemia proporcionou.

Qual mãe nunca disse que gostaria de estar mais próximo ao filho e vê-lo crescer, leva-lo pra escola, buscá-lo?! Eu dizia muito. Meu filho não estava acostumado a me ver em casa durante o dia e estando devido a pandemia, passou a querer tudo com a 'mamãe'. No começo era difícil conseguir dar atenção a ele trabalhando, hoje a situação já é outra, administramos bem eu e ele (Mãe 09).

Com isso, apesar das dificuldades, muitas mães viram um ponto positivo na pandemia,

Tem sido desafiador, pois tive que adaptar a rotina da casa, do trabalho e do filho em oito horas no dia. Ele acabou ficando mais ligado a mim durante o dia. É cansativo? Sim. Mais só de passar o dia todo com ele, vendo e ouvindo as novidades que o desenvolvimento e crescimento, que antes não era possível, hoje agradeço, mesmo em meio a esse caos que o mundo está. (Mãe 03).

Desse modo, o trabalho reprodutivo ainda é realizado exclusivamente pelas mulheres, que mesmo exercendo seu papel no trabalho produtivo junto com os homens, não foi dividido o trabalho do lar e dos filhos entre eles, e sim somente as mulheres que o realizam sozinha.

Dado o exposto, é possível afirmar que a pandemia mostrou ainda mais as grandes dificuldades e desafios enfrentados para a população em questão - as mães; pois ter que conciliar trabalho reprodutivo e produtivo nunca foi nada fácil. Essa classe feminina, sempre precisou se impor e batalhar para conquistar um espaço no mercado de trabalho e com a pandemia da COVID-19 o trabalho se intensificou mais ainda. No entanto, apesar de difícil, através das entrevistas nota-se que esse momento também fomentou uma aproximação entre as gerações, que em períodos considerados normais não poderiam dedicar tanto tempo a esse contato.

5. Considerações Finais

Conforme buscamos apresentar neste artigo, sabe-se que a pandemia deixou mais evidente como as mulheres continuam trabalhando, cuidando dos filhos e dos afazeres do lar, na maioria das vezes sozinhas e com a COVID-19 a sobrecarga aumentou ainda mais, na qual não foi nada fácil conciliar tudo ao mesmo tempo. Mesmo elas relatando que seus parceiros “ajudam” nos afazeres domésticos, na maioria das vezes a carga maior é das mulheres, já que além de trabalharem, tem que cuidar das crianças, ajudar nas atividades escolares,

alimentá-los e ainda cuidar do lar, uma tarefa nada fácil e que infelizmente sobrecarrega a maioria das mães.

Com isso, mostramos neste artigo que as mulheres sofrem com essa divisão sexual do trabalho e como o trabalho reprodutivo é realizado na maior parte do tempo pelas mães e os pais somente realizam seus trabalhos produtivos, apenas se sobrar um tempo ajudam com uma coisa ou outra dentro dos lares.

Além disso, pode-se observar como o sistema é perverso com as mulheres, pois mesmo elas fazendo o trabalho reprodutivo, elas ainda fazem o trabalho produtivo, ou seja, trabalham dentro e fora dos seus lares.

Infelizmente com a não participação dos pais nas atividades voltada aos cuidados dos filhos, as mães lamentavelmente não têm uma rede de apoio em suas casas, isso acaba causando um cansaço excessivo podendo ocasionar ansiedade ou até mesmo depressão. Segundo a OMS, 20% das mães do mundo todo têm algum tipo de transtorno mental, sendo ele a depressão.

Ainda assim, mesmo sobrecarregadas e cansadas com o excesso de serviço, se sentem culpadas por trabalharem fora de casa, e quando chegam no seus lares, não conseguem dar atenção aos seus filhos em consequência de seu cansaço físico e mental. Hoje, pelo fato da pandemia da Covid-19, uma parcela das mães que estão trabalhando de *home office*, podem desfrutar de vários momentos importante na vida dos seus filhos, como o simples fato de desenvolverem suas habilidades mecânicas ou até mesmo poder ajudá-los na atividade escolares, já que seus filhos se encontra também em ensino remoto, é muito satisfatório.

A limitação deste trabalho deu-se no fato de que a maioria das entrevistadas possuíam uma boa escolaridade, com isso, não foi possível identificar relatos de classes menos favorecidas e escolarizadas. Por isso, sugere-se que pesquisas futuras foque nesses grupos, e aprofunde ainda mais o tema divisão sexual do trabalho pós pandemia, buscando vertentes voltadas para políticas para superação da desigualdade de gênero, questionando assim os valores sexistas já formados e dando continuidade no tema e nos resultados aqui discutidos.

6. Referências Bibliográficas

ABRAMO, L. Desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro. **Ciência e Cultura**, v. 58, n. 4, p. 40-41, 2006. <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252006000400020&script=sci_arttext> Acesso em 09 de julho de 2021.

AGÊNCIA BRASIL (2020b). Home office foi adotado por 46% das empresas durante a pandemia. Recuperado de: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-07/home-office-foi-adotado-por46-das-empresas-durante-pandemia>

BEZERRA, Anselmo César Vasconcelos et al. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. suppl 1, p. 2411-2421, 2020.

BIANCONI, Giuliana, et al. Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. **São Paulo, Gênero e Número**, 2020.

BRUSCHINI, C.- O Trabalho da Mulher Brasileira nas décadas recentes. Revista Estudos Feministas, vol.2, nº3 out/1994. IFCS/UFRJ-PPCIS/UERJ. Rio de Janeiro.1994.

BRUSCHINI, Cristina. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado?. **Revista brasileira de estudos de população**, v. 23, p. 331-353, 2006.

Ciência & Saúde Coletiva [Internet]. Recuperado em 18 de junho de 2020, de <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/fatores-associados-ao-comportamento-da-populacao-durante-o-isolamento-social-na-pandemia-de-covid19/17551?id=17551>.

CORDEIRO, Karolina Maria de Araújo. O Impacto da Pandemia na Educação: A Utilização da Tecnologia como Ferramenta de Ensino. 2020.

COSTA, Júlia Borges da et al. A exploração das mulheres para a reprodução do capital: trabalho produtivo e reprodutivo. 2020.

C6 BANK NOTÍCIAS. Datafolha/C6 Bank: Pandemia é pior para mulheres, pretos e pardos e classes mais baixas. Recuperado de: <https://medium.com/c6banknoticias/datafolha-c6-bank-pandemia-%C3%A9-pior-para-mulheres-pretos-e-pardos-e-classes-mais-baixas-ca116bfd6643>. 2020.

DEDECCA, Claudio Salvadori; DE FREITAS RIBEIRO, Camila Santos Matos; ISHII, Fernando Hajime. Ocupação e tempo de trabalho. *Anais*, 2016, 1-22.

DE OLIVEIRA, Fernanda Abreu; DE QUEIROZ, Fernanda Marques; DINIZ, Maria Ilidiana. Divisão sexual do trabalho entre homens e mulheres no contexto da pandemia da Covid 19. **Revista Inter-Legere**, v. 3, n. 28, p. c21486-c21486, 2020.

FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. Editora Elefante, 2019.

HIRATA, Helena. Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de pesquisa**, v. 37, p. 595-609, 2007.

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf

KERGOAT, Daniele. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. IN HIRATA, Helena. et al. (org). *Dictionnaire Critique du Feminismo*. Paris: PUF, 2000. p. 55-61

LEMOS, Ana Heloísa da Costa; BARBOSA, Alane de Oliveira; MONZATO, Priscila Pinheiro. Mulheres em home office durante a pandemia da covid-19 e as configurações do conflito trabalho-família. **Revista de Administração de Empresas**, v. 60, p. 388-399, 2021.

LIMA, J. D. Como a relação entre maternidade e desigualdade salarial afeta as mulheres. 2018. Disponível em: <
<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/05/12/Como-arelação-entre-maternidade-e-desigualdade-salarial-afeta-as-mulheres> >. Acesso em: 11 de julho de 2021.

LOSADA, Beatriz Lucas; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Redefinindo o significado da atividade profissional para as mulheres: o caso das pequenas empresárias. **Psicologia em Estudo**, v. 12, p. 493-502, 2007.

MELO, Hildete Pereira de et al. A divisão sexual do trabalho no contexto da pandemia. 2021.

PELEGRINO, A. D. C. et al. Desigualdade e exclusão nas metrópoles brasileiras: alternativas para seu enfrentamento nas favelas do Rio de Janeiro. **Rio de Janeiro: HP Comunicações & Arco-Íris**, 2006. Acesso em 09 de julho de 2021.

PEREIRA, Rosangela Saldanha; SANTOS, Danielle Almeida dos; BORGES, Waleska. A mulher no mercado de trabalho. **Acesso em**, v. 13, 2005.

PROBST, E. R; RAMOS, P. A evolução da mulher no mercado de trabalho. **Santa Catarina: Instituto Catarinense de Pós-Graduação**, P. 03-04, 2003. Disponível em <<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-05.pdf>>. Acesso em 09 de julho de 2021.

ROSSINI, Ana Paula Pagan et al. Vivências de mães-trabalhadoras acerca das demandas e recursos laborais em modalidades alternativas de trabalho. 2021.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. **Cadernos pagu**, p. 137-150, 2001.

TEIXEIRA, C. M. **As mulheres no mundo do trabalho: ação das mulheres, no setor fabril, para a ocupação e democratização dos espaços público e privado**. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 25, n. 2, p. 237-244, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722009000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 julho 2021.